

# Para transcribar a Ilíada

HAROLDO DE CAMPOS

T  
E  
X  
T  
O  
S

Em matéria de traduções homéricas, somos privilegiados no Brasil. Tivemos, no passado, a extraordinária contribuição de Odorico Mendes (1799-1869), que recriou em nossa língua a *Ilíada* e a *Odisseia*. Contemporaneamente, contamos com outro esforço digno de consideração: o de Carlos Alberto Nunes, que repetiu o feito de Odorico, traduzindo, novamente, ambos os poemas homéricos.

Quanto a Odorico Mendes, não mais pode prevalecer a dura sentença condenatória de Sílvio Romero, para quem o labor tradutório do grande humanista maranhense teria redundado em "monstruosidades", escritas em "português macarrônico" (1). Já mostrei o quanto esse juízo é injusto e o quanto está defasado em relação ao veio mais radical da moderna teoria da tradução poética, uma teoria cujo lema bem poderia ser aquela citação extraída por Walter Benjamin de Rudolf

**HAROLDO DE CAMPOS** é poeta, ensaísta e tradutor. Seu livro de poesia mais recente é *A Educação dos Cinco Sentidos* (Editora Brasiliense).

Pannwitz: "Nossas versões, mesmo as melhores, partem de um princípio falso. Pretendem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, em lugar de sanscritizar o alemão, grecizá-lo, anglizá-lo. Têm muito maior respeito pelos usos de sua própria língua do que pelo espírito da obra estrangeira (...) O erro fundamental do tradutor é fixar-se no estágio em que, por acaso, se encontra sua língua, em lugar de submetê-la ao impulso violento que vem da língua estrangeira" (2).

Odorico, com efeito, é o patriarca da tradução criativa no Brasil, no seu intuito pioneiro de conceber um sistema coerente de procedimentos que lhe permitisse helenizar o português, em lugar de neutralizar a *diferença* do original, rasurando-lhe as arestas sintáticas e lexicais em nossa língua. Dele podemos dizer, com Jacques Derrida, glosando assim, e pondo ao revés, as palavras preconceituosas de S. Romero: "O futuro só se pode antecipar na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, *apresentar-se*, sob a espécie da monstruosidade" (3). A nova edição da *Odisseia*, anunciada pela Edusp, sob os competentes cuidados de Antonio Medina



Aquilides e Ajax, detalhe de uma ânfora

Rodrigues, autor de duas eruditas teses universitárias dedicadas à reavaliação do legado do notável homem de letras maranhense (uma sobre as traduções latinas, de Virgílio, outra sobre as gregas, homéricas), virá em boa hora. Terá, sem dúvida, o condão de repor na circulação sanguínea de nossa literatura essa magna obra tradutória, que tanto dignifica nossa língua e seu autor, o "pai-rococó", na expressão de seu conterrâneo e discípulo, o também fileleno Sousândrade.

No que respeita à tradução de Carlos Alberto Nunes, embora não se possa enquadrar na categoria da "transcriação" (termo que é lícito aplicar, sem exagero, a Odorico, não obstante os eventuais "desníveis" que possam afetar o resultado estético de seu projeto tradutório), estamos diante de uma empreitada incomum, que merece, como tal, respeito e admiração. Desde logo pelo fôlego do tradutor, que levou a cabo a transposição integral, em versos, para o português, de ambos os extensos poemas. Num outro plano, o prosódico, pela interessante solução (louvada por Mário Faustino, se bem me lembro) de buscar num verso de dezesseis sílabas o equivalente, em métrica vernácula, do hexâmetro (verso de seis pés) homérico. O resultado, para o nosso ouvido, embora relente um pouco o passo do verso, aproximando-o da prosa ritmada, é uma boa demonstração de que não assistia razão a J. Mattoso Câmara Jr., quando impugnava a aclimação do verso de medida longa em português, considerando-o "inteiramente anômalo" em nossa língua (Mattoso referia-se à adoção de um verso de quinze sílabas por Fernando Pessoa, em sua tradução de *The Raven*, de E. A. Poe)(4). A prática de Carlos Alberto Nunes, sustentando com brio, por centenas de versos, essa medida, contesta eloqüentemente aquela restrição normativa. No que se refere à linguagem, todavia, não é um empreendimento voltado para soluções novas, com a estampa da modernidade. Trata-se, antes, de uma tradução acadêmica, de pendor "classicizante", que retroage estilisticamente no tempo.

De minha parte, em lugar do decassílabo de molde camoniano, que mais de uma vez obrigou Odorico a prodígios de compressão semântica e contorção sintática, recorri ao metro dodecassilábico (acentuando na sexta sílaba, ou, mais raramente, na quarta, oitava e décima-segunda)(5). Evitei, assim, o risco do prosaísmo, decorrente

de um verso mais alongado, e sua contrapartida, a constrição derivada de um metro demasiadamente conciso. Busquei, por um lado, preservar a "melopéia" homérica (que Ezra Pound considerava inexcusável) e, por outro, estabelecer uma correspondência verso a verso com o original (ou seja, obter, em português, o mesmo número de versos do texto grego).

Vejo que me adiantei nesta exposição. Teria sido necessário esclarecer, previamente, que estas minhas considerações iniciais visavam a introduzir um experimento tradutório que estou realizando. Estou empenhado em recriar, em nossa língua, quanto possível, a *forma da expressão* (no plano fônico e rítmico-prosódico) e a *forma do conteúdo* (a "logopéia", o desenho sintático, a "poesia da gramática") do Canto I da *Iliada*. Longe de mim a intenção, excessiva para meus propósitos, de uma tradução integral do poema. Desejo, tão-somente, constituir um modelo intensivo, um paradigma atual e atuante, de "transcrição" homérica. Por um lado, retomo o legado, até certo ponto "arcaizado", de Odorico, com cujas soluções meu texto freqüentemente dialoga; por outro, com o escopo de dar uma nova vitalidade ao verso traduzido, mobilizo todos os recursos do arsenal da moderna poética nesse sentido (desde logo há a considerar, em matéria de retomada épica, o exemplo de dicção dos *Cantos* de Ezra Pound, a cuja tradução parcial me dediquei, com Augusto de Campos e Décio Pignatari, no final da década de 50). Estou persuadido, pelo caminho até aqui percorrido, que do "transcriador" da rapsódia homérica se requer, no plano da fatura poética, uma atenção micrológica à elaboração sonora de cada verso (paronomásias, aliterações, ecos, onomatopéias), aliada a uma precisa técnica de cortes, remessas e encadeamentos frásicos (o tradutor, no caso, deverá comportar-se como um "coreógrafo" ou "diagramador" sintático). Recuperações etimológicas (por exemplo, a que levei a efeito no verso 47, traduzindo *niktí voikós* por "ícone da noite", em lugar de "semelhante à noite", Odorico; "à Noite semelha", C. A. Nunes) podem, estrategicamente aplicadas, vivificar o verso em português. Assim também, no caso dos epítetos (lição premonitória de Odorico, que não se deve descartar neste ponto, mas aperfeiçoar criteriosamente), este efeito vitalizador pode ser obtido através da cunhagem de compostos, isomorfos em relação a essas virtuais "metáforas fixas" que brasonam os heróis gregos e seus deuses. Por vezes, toda uma precisa carga retórica pode estar encapsulada num simples trocadilho, que mobiliza som e sentido, e que, portanto, ao invés de rasura desatenta, demanda reconfiguração no texto traduzido; veja-se o v. 231:

" *demobóros basileús, epeì outídanoísin anásets* " .

Odorico traduz:

" Cobardes reges, vorador do povo" ,

recuperando o *demobóros* com a fórmula paronomástica "vorador do povo". C. A. Nunes, menos feliz, mais discursivo, escreve:

"Devorador do teu povo! Não fosse imprestável, Atrida, toda esta gente..."

Robert Fitzgerald fragmenta o verso, jogando fonicamente com as palavras *Leech!* ("Sanguessuga!"), ressaltada em posição sintática extrema, e *trash* ("refugo, escória"), que lhe responde no segmento seguinte:

*Commander of trash!*"

"...*Leech!*"

Se no seu caso o resultado obtido evoca a lição "cinética" do verso poundiano, no de Robert Fagles parece insinuar-se uma reminiscência — quase citação — de um verso do Canto VII de E. P., "*Tbin busks I had known as men*" (na imagem das "finas cascas"/"cascas sem valor"):

" *King who devours his people! Worthless busks, the men/you rule...* "

Nenhuma dessas soluções, no entanto, dá conta do trocadilho (vislumbrado argu-

1 Esse julgamento foi endossado por Antonio Candido, que, na *Formação da Literatura Brasileira*, fala em "bestialógico" e "pedantismo arqueológico" a propósito das traduções greco-latinas de Odorico Mendes. A respeito, pronunciei-me em "Da Tradução como Criação e como Crítica", *Metalinguagem*, 1967; "A Palavra Vermelha de Hoelderlin" e "Poética Sincrônica", em *A Arte no Horizonte do Provável*, 1969; "Tradução, Ideologia e História", *CADERNOS do MAM*, Rio de Janeiro, 1/83.

2 O teor por extenso do texto de Rudolf Pannwitz, citado por W. Benjamin em "Die Aufgabe des Uebersetzers" ("A Tarefa do Tradutor"), encontra-se sob o título "O Choque do Estranho" no nº 4 (1970) da revista americana *Delos*, Austin, Texas, National Translation Center.

3 Jacques Derrida, *Gramatologia* (1967), São Paulo, Perspectiva, 1973.

4 Ver o meu ensaio "O Texto-Espelho (Poe, Engenheiro de Avesos)" em *A Arte no Horizonte do Provável*, op. cit.

5 M. Said Ali, estudando o hexâmetro latino, refere que a "a idéia primitiva de construir verso de seis pés, uniformemente dactílicos", teve de ser modificada na prática, já que "o predomínio dos hexâmetros de 15 e 14 sílabas se observa em qualquer poeta latino" (*Acentuação e Versificação Latinas*, Rio de Janeiro, "Organização Simões", 1957). Silveira Bueno, por sua vez, considera o dodecassílabo (alexandrino) "o único metro moderno que se aproxima do hexâmetro dactílico" (Prefácio de 1956 à edição da *Iliada*, na tradução de O. Mendes, São Paulo, Atena Editora, s/d).

tamente por Clyde Pharr) entre o patronímico *Danaoi* ("Dânaos", designação coletiva dos gregos em Homero) e o adjetivo substantivado *outidanós* ("sem valia"), derivado de *oúttis*, *oútti* ("ninguém, nada"): "não seriam dignos do nome de Dânaos", na interpretação de C. Pharr. Na versão literal latina lê-se:

"*Populi-vorator rex, quoniam hominibus-ntibit imperas*".

Atento a todos esses revérberos, procurei reconstituir, sonora e semanticamente, com o máximo de economia, o jogo de palavras que nas traduções consultadas passou em branco:

"Devora-Povo! Rei dos Dânaos? Rei de nada".

Observe-se que, no texto português, o trocadilho expandiu-se em paronomásia (dos DÂNAOs/de NADA), enquanto em grego *outiDANOísín* repercute sonoramente no verbo *ANÁssets* (*anáссо*, "reinar sobre", regendo um dativo, no caso). Lei da compensação, regra de ouro da tradução criativa.

É a segunda vez que me debruço mais demoradamente sobre a poesia grega (sem contar breves incursões pela lírica de Safo, Alceu e Alcma; uma rápida passagem pelo *Alexandra* de Licofron, dito "O Obscuro", poeta da época helenística; uma revisita poética a alguns filosofemas do pré-socrático Heráclito). Mas o meu primeiro empreendimento de mais vulto no campo ocorreu na segunda metade da década de 60, quando tomei lições do idioma com Francisco Achcar. Desse memorável convívio de trabalho, nasceu a minha tradução da "Primeira Ode Pítica", de Píndaro(6). Passados tantos anos, volto-me, mais uma vez, para o grego clássico, fixando-me agora na poesia homérica. Tenho de novo o feliz ensejo de contar com um guia seguro e sensível: Trajano Vieira, jovem professor de língua e literatura grega, com quem estou reavivando meu aprendizado do idioma em sessões de trabalho que funcionam como um virtual laboratório didático-poético em relação ao texto escolhido, aquele episódio da *Ilíada* que se convencionou chamar "A Ira de Aquiles" (do qual já transpus para o português os 232 primeiros versos).

Como fontes de consulta e comparação, além das traduções brasileiras acima referidas, venho utilizando várias outras, a saber: Omero, *L'Ira di Achille (Ilíade I)*, cuidada versão em prosa de responsabilidade de Maria Grazia Ciani, com elucidativos comentários de Elisa Avezzu, Marsilio Editori, Pádua, 1988; *La Ilíada de Homero*, curioso "traslado" em versos de arte maior (que oscilam entre doze e catorze sílabas), rimados, pelo poeta e polígrafo mexicano Alfonso Reyes, Fondo de Cultura Económica, 1951; Homero, *Ilíada (Obras Completas)*, versão direta e literal (em prosa) por Luis Segalá y Estalella, Joaquín Gil Editor, B. Aires, 1946; Salvatore Quasimodo, tradução dos versos 1 a 31 do Livro I, em *Lirici Greci, dall'Odissea, dall'Ilíada*, Mondadori, Milão, 1979; a vigorosa tradução de Robert Fitzgerald, *The Iliad*, Anchor Press/Doubleday, N. York, 1975; a poundiana transposição da mesma obra em verso polimétrico, por Robert Fagles, Viking Press, 1990 (recente empreendimento, que me foi oportunamente assinalado por Nelson Ascher); a versão em prosa de Constantine A. Trypanis, incluída sob o título "The Wrath of Achilles" em *The Penguin Book of Greek Verse*, 1984. Entre as traduções consideradas "clássicas" nas respectivas línguas, compulsei as seguintes: Johan Heinrich Voss (1751-1826), Homer, *Ilias*, Deutsche Bibliothek in Berlin, s/d; Omero, *L'Ilíade*, por Vincenzo Monti (1758-1828), Libreria Editrice Internazionale, Turim, s/d; *Homer's Iliad*, por Alexander Pope (1688-1744), edição Th. A. Buckley, s/d. De particular relevância para a inteligibilidade do original, vêm sendo: os comentários de Clyde Pharr, em seu *Homeric Greek* (Norman, University of Oklahoma Press, reedição de 1967), um manual para o estudo do idioma que, a partir da lição XV, usa o Canto I da *Ilíada* como texto de trabalho; os volumes bilíngües das edições "Les Belles Lettres" e "Loeb Classical Library"; a prestante versão latina contida no volume *Homert Carmina et Ilias*, Paris, Firmin-Didot, 1930; as versões justalinear e normativizada incluídas na obra didática *Les Auteurs Grecs (Homère)*, Paris, Hachette, 1914.

Apresento, pois, à apreciação dos leitores os resultados iniciais desta minha "transcrição" (no caso, mais propriamente, uma "translucidação") em progresso. As primícias, os duzentos e trinta e dois versos iniciais da *Ilíada*. Uma amostra do caminho percorrido e um índice do caminho a percorrer, já que só o Canto I, "A Ira de Aquiles", compõe-se de seiscentos e catorze versos...

6 Cf. "Píndaro, Hoje" (1967), em *A Arte no Horizonte do Provável*, op. cit.



H  
O  
M  
E  
R  
O

ILÍADA

*Ilíada*

TRANSCRIÇÃO DE HAROLDO DE CAMPOS

Μήνιν ἄειδε, θεά, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος  
οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,  
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν  
ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τευχε κύνεσσιν  
5 οἰωνοῖσί τε πᾶσι· Διὸς δ' ἔτελείετο βουλή·  
ἔξ οὔ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε  
Ἄτρεϊδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

Τίς τάρ σφωε θεῶν ἕριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;  
Λητοῦς καὶ Διὸς υἱός· ὁ γὰρ βασιλῆι χολωθείς  
10 νοῦσον ἀνά στρατὸν ὤρσε κακῆν, δλέκοντο δὲ λαοί,  
οὐνεκα τὸν Χρῦσσην ἠτίμασεν ἀρητήρα  
Ἄτρεϊδης· ὁ γὰρ ἦλθε θεῶν ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν  
λυσόμενός τε θύγατρα φέρων τ' ἄπειροις ἄποινα,  
στέμματ' ἔχων ἐν χερσίν ἐκηβόλου Ἀπόλλωνος  
15 χρυσεῶν ἀνά σκῆπτρῳ, καὶ λίσσετο πάντας Ἀχαιοὺς,  
Ἄτρεΐδα δὲ μάλιστα δύω, κοσμήτορε λαῶν·

« Ἄτρεΐδαι τε καὶ ἄλλοι εὐκνήμιδες Ἀχαιοί,  
ὕμῖν μὲν θεοὶ δοῖεν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες  
ἐκπέρσαι Πριάμοιο πόλιν, εὖ δ' οἴκαδ' ἰκέσθαι·  
20 παῖδα δ' ἐμοὶ λύσαιτε φίλην, τὰ δ' ἄποινα δέχεσθαι,  
ἀζόμενοι Διὸς υἱὸν ἐκηβόλον Ἀπόλλωνα. »

Ἔνθ' ἄλλοι μὲν πάντες ἐπευφήμησαν Ἀχαιοὶ  
αἰδεῖσθαι θ' ἱερῆα καὶ ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα·  
ἀλλ' οὐκ Ἄτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι ἦνδανε θυμῷ,  
25 ἀλλὰ κακῶς ἀφίει, κρατερόν δ' ἐπὶ μῦθον ἔτελλε·  
« Μὴ σε, γέρον, κοίλῃσιν ἐγὼ παρὰ νηυσὶ κιχείω  
ἢ νῦν δηθύνοντ' ἢ ὕστερον αὖτις ἰόντα,  
μὴ νύ τοι οὐ χραίσμη σκῆπτρον καὶ στέμμα θεοῖο·  
τὴν δ' ἐγὼ οὐ λύσω· πρὶν μιν καὶ γῆρας ἔπεισιν  
30 ἡμετέρῳ ἐνὶ οἴκῳ, ἐν Ἄργεϊ, τηλόθι πάτρης,





## CANTO I

A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,  
o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas  
trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades  
de valentes, de heróis, espólio para os céus,  
pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;  
desde que por primeiro a discórdia apartou  
o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.  
Que Deus, posto entre ambos, provocou a rixa?  
O filho de Latona e Zeus. Irou-o o rei.

10 A peste então lavrou no exército: ruína  
cai sobre o povo! A Crises ultrajara o Atreide,  
ao sacerdote, o qual viera até às naus  
velozes dos Aqueus remir com dons a filha,  
nas mãos portando os nistros do certo Apolo  
presos ao cetro de ouro e a todos implorava,  
mormente aos dois Atreides, comandantes de homens.

"Atreides e outros mais Aqueus de belas cnêmides,  
que a vós os deuses dêem, habitantes do Olimpo,  
derruída a príamea urbe, um bom retorno à casa;  
20 mas a filha querida resgatai-me, e os dons  
guardai, temendo Apolo deus flechicerteiro."

Então, uniconcordes, os Aqueus clamaram:  
"Se atenda o sacerdote e as galas do resgate  
se aceitem!" Disse não, Agamémnon, o Atreide.

Brutal, refuga o velho com palavras duras:

"Que eu nunca mais te aviste junto às naves côncavas,  
agora demorando ou de volta, mais tarde.

Insúteis o teu cetro e os nistros divinos,  
nunca a libertarei, até que fique velha

30 em Argos, no meu paço, além, longe da pátria,



ιστόν ἐποιχομένην καὶ ἔμῳν λέχος ἀντιώσαν·  
ἀλλ' ἴθι, μὴ μ' ἐρέθιζε, σαυτερος ὡς κε νέηαι. »

Ἦς ἔφατ'· ἔδδειςεν δ' ὁ γέρων καὶ ἐπέιβετο μύθῳ·  
βῆ δ' ἀκέων παρὰ θίνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης·  
35 πολλὰ δ' ἔπειτ' ἀπάνευθε κιῶν ἠράθ' ὁ γεραῖος  
Ἄπόλλωνι ἀνακτι, τὸν ἠύκομος τέκε Λητώ·

« Κλοθί μευ, Ἀργυρότοξ', ὃς Χρῦσην ἀμφιπέβηκας  
Κυλλάν τε Ζαθέην Τενέδοιό τε Ἴφι ἀνάσσεις,  
Σμινθεῖο, εἴ ποτέ τοι χαρίεντ' ἐπὶ νηὸν ἔρεψα,  
40 ἢ εἰ δὴ ποτέ τοι κατὰ πύονα μηρί' ἔκηα  
ταύρων ἠδ' αἰγῶν, τόδε μοι κρήνην ἐέλωρ·  
τίσειαν Δαναοὶ ἐμὰ δάκρυα σοῖσι βέλεσσιν. »

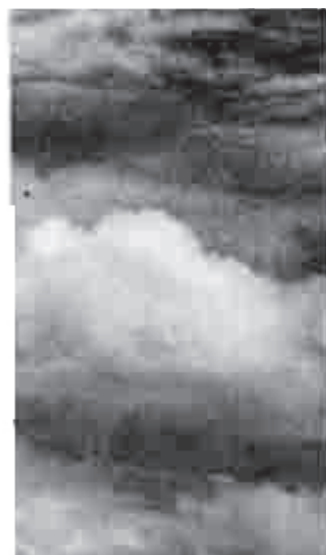
Ἦς ἔφατ' εὐχόμενος, τοῦ δ' ἔκλυε Φοῖβος Ἄπόλλων,  
βῆ δέ κατ' Οὐλύμποιο καρήνων χωόμενος κῆρ,  
45 τόξ' ὤμοισιν ἔχων ἀμφηρεφέα τε φαρέτρην·  
ἔκλαξαν δ' ἄρ' ὀϊστοὶ ἐπ' ὤμων χωόμενοιο,  
αὐτοῦ κινήθεντος· ὁ δ' ἦε νυκτὶ ἑοικώς·  
ἔζειτ' ἔπειτ' ἀπάνευθε νεῶν, μετὰ δ' ἰὼν ἔηκε·  
δεινὴ δὲ κλαγγὴ γένητ' ἀργυρέοιο βιοῖο·  
50 οὐρήας μὲν πρῶτον ἐπὶ φέτο καὶ κύνας ἀργούς,  
αὐτὰρ ἔπειτ' αὐτοῖσι βέλος ἔχεπευκές ἐφίεις  
βάλλ'· αἰεὶ δὲ πυραὶ νεκύων καίοντο θαμειαί.

Ἐννήμαρ μὲν ἀνά στρατὸν ὄφχετο κῆλα θεοῖο,  
τῆ δεκάτῃ δ' ἀγορὴν δὲ καλέσσατο λαὸν Ἀχιλλεύς·  
55 τῷ γὰρ ἐπὶ φρεσὶ θῆκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη·  
κῆδετο γὰρ Δαναῶν, ὅτι βα θυήσκοντας ὄρατο·  
οἱ δ' ἐπεὶ οὖν ἠγερθεν ὀμηγερέες τ' ἐγένοντο,  
τοῖσι δ' ἀνιστάμενος μετέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·

« Ἀτρεΐδῃ, νῦν ἄμμε παλιμπλαγχθέντας δίω  
60 ἀψ ἀπονοστήσειν, εἴ κεν θάνατόν γε φύγοιμεν.



# IAIAAOE



nos trabalhos do tear, ou servindo-me ao leito.  
Foge da minha ira, vai-te, põe-te a salvo."  
Findou a fala e o ancião retrocedeu medroso,  
mudo, ao longo do mar de polissonas praias.  
Depois, já muito longe, ao senhorio de Apolo,  
ao filho da pulcricoma Latona orou:  
"Ouve-me, Arcoargênteo, protetor de Crisa  
e de Cila sagrada, Esminteo, rei de Tênedos.  
Se o templo que te ergui merece teu favor,  
se coxas gordurosas te queimei de touros  
e de gordas ovelhas, cumpre meu desejo:  
faze os Dânaos pagar meu pranto com tuas flechas!"  
Súplice assim falou. Ouviu-o Febo Apolo.  
Baixou do alto do Olimpo, coração colérico,  
levando aos ombros o arco e a aljava bem fechada.  
À espádua do Iracundo retiniam flechas,  
enquanto se movia, icone da noite.  
Sentou longe das naus: então dispara a flecha.  
Horrissono clangor irrompe do arco argênteo.  
40 Fere os mulos; depois, rápida prata, os cães;  
então mira nos homens, setas pontiagudas  
lançando: e ardem sem pausa densas piras fúnebres.  
Nove dias sibilam flechas pelo exército;  
no décimo o Aquileu convoca o povo à ágora,  
inspiração de Hera, a deusa bracinivea,  
aflita a contemplar os Dânaos que morriam.  
Depois que estavam juntos, reunidos, todos,  
ergueu-se e lhes falou Aquiles, pés-velozes:  
"Atreide, agora — penso — o descaminho obliquo  
60 nos frustra e força o passo atrás, se à morte salvos:



εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμῆ καὶ λοιμὸς Ἀχαιοῦς·  
ἀλλ' ἄγε δὴ τινα μάντιν ἐρείομεν ἢ ἱερῆα,  
ἢ καὶ ὄνειροπόλον, καὶ γάρ τ' ὄναρ ἐκ Διὸς ἐστίν,  
δς κ' εἴποι ὃ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος Ἀπόλλων,  
65 εἴ ταρ ὃ γ' εὐχολῆς ἐπιμέμφεται ἠδ' ἐκατόμβης,  
αἶ κέν πως ἀρνῶν κνίσσης αἰγῶν τε τελείων  
βούλεται ἀντιάσας ἡμῖν ἀπὸ λοιγὸν ἀμύναι. »

Ἦτοι ὃ γ' ὣς εἰπὼν κατ' ἄρ' ἔζετο· τοῖσι δ' ἀνέστη  
Κάλχας Θεστορίδης, οἰωνοπόλων ὄχ' ἄριστος,  
70 δς ἤδη τὰ τ' ἐόντα τὰ τ' ἐσόμενα πρό τ' ἐόντα,  
καὶ νήεσ' ἠγήσατ' Ἀχαιῶν Ἴλιον εἴσω  
ἦν διὰ μαντοσύνην, τὴν οἱ πόρε Φοῖβος Ἀπόλλων·  
ὃ σφιν εὐφρονέων ἀγορήσατο καὶ μετέειπεν·

« ὦ Ἀχιλεῦ, κέλεαί με, Διὶ φίλε, μυθήσασθαι  
75 μῆνιν Ἀπόλλωνος ἐκατηβελέταο ἀνακτος·  
τοὶ γὰρ ἐγὼν ἐρέω· σὺ δὲ σύνθεο καὶ μοι δημοσσον  
ἢ μὲν μοι πρόφρων ἔπεισιν καὶ χερσὶν ἀρήξειν·  
ἢ γὰρ δίομαι ἀνδρᾶ χολωσέμεν, δς μέγα πάντων  
Ἀργείων κρατέει καὶ οἱ πείθονται Ἀχαιοί·

80 κρείσσων γὰρ βασιλεὺς ὅτε χώσεται ἀνδρὶ χέρη·  
εἴ περ γὰρ τε χόλον γε καὶ αὐτήμαρ καταπέψη,  
ἀλλὰ τε καὶ μετόπισθεν ἔχει κότον, ὄφρα τελέσῃ,  
ἐν στήθεσσι ἐοῖσι· σὺ δὲ φράσαι εἴ με σαώσεις. »

Τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·

85 « Θαρσήσας μάλα εἰπέ θεοπρόπιον ὃ τι οἶσθα·  
οὐ μά γάρ Ἀπόλλωνα Διὶ φίλον, ᾧ τε σύ, Κάλχαν,  
εὐχόμενος Δαναοῖσι θεοπροπίας ἀναφαίνεις,  
οὐ τις ἐμεῦ ζῶντος καὶ ἐπὶ χθονὶ δερκομένοιο  
σοὶ κοίλης παρὰ νηυσὶ βαρείας χεῖρας ἐποίσει  
90 συμπάντων Δαναῶν, οὐδ' ἦν Ἀγαμέμνονα εἴπηρ,  
δς νῦν πολλὸν ἄριστος ἐνὶ στρατῷ εὔχεται εἶναι. »

Καὶ τότε δὴ θάρσησε καὶ ἠῶδα μάντις ἀμύμων·

« Οὐ ταρ ὃ γ' εὐχολῆς ἐπιμέμφεται οὐδ' ἐκατόμβης,  
ἀλλ' ἔνεκ' ἀρητήρος, δν ἠτίμησ' Ἀγαμέμνων  
95 οὐδ' ἀπέλυσε θύγατρα καὶ οὐκ ἀπεδέξατ' ἄποινα·  
τοῦνεκ' ἄρ' ἄλγε' ἔδωκεν Ἐκηβόλος ἠδ' ἔτι δώσει,  
οὐδ' ὃ γε πρὶν Δαναοῖσιν ἀεικέα λοιγὸν ἀπώσει,  
πρὶν γ' ἀπὸ πατρὶ φίλῳ δόμεναι ἑλικώπιδα κούρην  
ἀπριάτην ἀνάποινον, ἄγειν θ' ἱερὴν ἐκατόμβην  
100 ἐς Χρῦσῃν· τότε κέν μιν ἱλασσάμενοι πεπίθοιμεν. »



ΙΛΙΑΔΟΣ



- que, simultâneas, guerra e peste aos Aqueus domam.  
Vamos, sem mais, ouvir arúspice ou vidente  
— oniromante — que o sonhar provém de Zeus.  
Que nos explique um tal rancor em Febo Apolo:  
se de omissos nos culpa, em votos, hecatombes;  
se lhe apraz receber de ovelhas e de cabras  
seletas o perfume e nos poupar da peste."  
Falou e então sentou-se. Calcas Testorides  
ergueu-se após, ótimo áugure de pássaros,  
70 sabedor do que é, do que foi, do futuro,  
que a Ílion conduzira as naves dos Aqueus  
pelo dom de prever, graça de Febo Apolo.  
Disse, de boa mente, ao povo unido na ágora:  
"Aquiles, caro a Zeus, ordenas que eu discorra  
sobre a ira de Apolo, deus flechicerteiro.  
Pois é o que farei. Mas vê se me afianças,  
zeloso, com teu braço e palavras valer-me.  
Temo irritar um homem, o maior de todos,  
que os Argivos governa e os Aqueus obedecem.  
80 Furioso contra um fraco um rei se excede em força:  
se no momento engole a cólera e a cozinha,  
perdura-lhe o rancor, até que se sacie,  
concentrado no peito. Diz que me proteges."  
A ele replicou Aquiles, pés-velozes:  
"Calmo de coração, profere teu oráculo.  
Ninguém — mercê de Apolo, caro a Zeus, que o dom  
ante os Dânaos te fez, Calcas, do vaticínio — ;  
ninguém, enquanto eu vivo a terra em torno aviste;  
ninguém, junto às naus côncavas, as mãos pesadas  
90 lançará sobre ti, Dânao, mesmo Agamémnon  
que deles, dos Aqueus, se blasona o melhor."  
Encorajado então, falou o áugure augusto:  
"Por voto omissos não nos culpa, ou hecatombe,  
mas pelo sacerdote, o agravo de Agamémnon:  
não resgatou-lhe a filha, rejeitou-lhe o prêmio.  
Por isso, deu-nos dor, e há de nos dar, o Arqueiro,  
nem o horror do flagelo afastará dos Dânaos,  
antes que ao pai retorne a moça de olhos rútilos,  
sem prêmio, sem resgate, e em Crisa se perfaça  
100 uma sacra hecatombe. Assim talvez se aplaque."

Ἦτοι δ' ἄρ' ὄς εἰπὼν κατ' ἄρ' ἔζετο· τοῖσι δ' ἀνέστη  
ἦρως Ἀτρείδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων  
ἀχνύμενος· μένεος δὲ μέγα φρένες ἀμφιμέλαιναι  
πίμπλαντ', ὄσσε δὲ οἱ πυρὶ λαμπετόωντι ἔικτην·

105 Κάλχαντα πρῶτιστα κάκ' ὄσσόμενος προσέειπε·

« Μάντι κακῶν, οὐ πῶ ποτέ μοι τὸ κρήγυον εἶπες·  
αἰεὶ τοι τὰ κάκ' ἐστὶ φίλα φρεσὶ μαντεύεσθαι,  
ἔσθλόν δ' οὔτέ τί πω εἶπες ἔπος οὔτ' ἐτέλεσσας·  
καὶ νῦν ἐν Δαναοῖσι θεοπροπέων ἀγορεύεις  
110 ὣς δὴ τοῦδ' ἔνεκά σφιν Ἐκηβόλος ἄλγεα τεύχει,  
οὔνεκ' ἐγὼ κούρης Χρυσηίδος ἀγλά' ἄποινα  
οὐκ ἔθελον δέξασθαι, ἐπεὶ πολὺ βούλομαι αὐτὴν  
οἴκοι ἔχειν· καὶ γάρ ῥα Κλυταιμῆστρης προβέβουλα  
κουριδῆς ἀλόχου, ἐπεὶ οὐ ἔθέν ἐστι χερείων,  
115 οὐ δέμας οὐδὲ φυήν, οὔτ' ἄρ' φρένας οὔτέ τι ἔργα.  
Ἄλλὰ καὶ ὄς ἐθέλω δόμεναι πάλιν, εἰ τό γ' ἄμεινον·  
βούλομ' ἐγὼ λαὸν σόον ἔμμεναι ἢ ἀπολέσθαι·  
αὐτὰρ ἐμοὶ γέρας αὐτίχ' ἐτοιμάσατ', ὄφρα μὴ οἶος  
Ἀργείων ἀγέραςτος ἔω, ἐπεὶ οὐδὲ ἕοικε·

120 λεύσσετε γὰρ τό γε πάντες, ὃ μοι γέρας ἔρχεται ἄλλη. »

Τὸν δ' ἠμείβετ' ἔπειτα ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς·

« Ἀτρείδη κύδιστε, φιλοκτεανώτατε πάντων,  
πῶς τὰρ τοι δώσουσι γέρας μεγάθυμοι Ἀχαιοί ;  
οὐδέ τί που ἴδμεν ξυνήια κείμενα πολλά·  
125 ἀλλὰ τὰ μὲν πολίων ἐξεπράθομεν, τὰ δέδασται,  
λαοὺς δ' οὐκ ἐπέοικε παλίλλογα ταῦτ' ἐπαγείρειν.  
Ἄλλὰ σὺ μὲν νῦν τήνδε θεῖν πρόες· αὐτὰρ Ἀχαιοὶ  
τριπλῆ τετραπλῆ τ' ἀποτίσομεν, αἶ κέ ποθι Ζεὺς  
δῶσι πόλιν Τροίην εὐτείχεον ἔξαλαπάξαι. »

130 Τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη κρείων Ἀγαμέμνων·

« Μὴ δ' οὕτως, ἀγαθός περ ἑών, θεοεικέλ' Ἀχιλλεὺ  
κλέπτε νόφ, ἐπεὶ οὐ παρελεύσεαι οὐδέ με πείσεις.  
Ἦ ἐθέλεις, ὄφρ' αὐτὸς ἔχῃς γέρας, αὐτὰρ ἔμ' αὐτῶς  
ἦσθαι δευόμενον, κέλευαι δὲ με τήνδ' ἀποδοῦναι ;  
135 ἀλλ' εἰ μὲν δώσουσι γέρας μεγάθυμοι Ἀχαιοί,  
ἄρσαντες κατὰ θυμόν, ὅπως ἀντάξιον ἔσται·  
εἰ δέ κε μὴ δώωσιν, ἐγὼ δὲ κεν αὐτὸς ἔλωμαι  
ἢ τεδὼν ἢ Αἴαντος ἰὼν γέρας, ἢ Ὀδυσσεὺς  
ἄξω ἑλών· ὃ δὲ κεν κεχολώσεται ὃν κεν ἴκωμαι.

140 Ἄλλ' ἦτοι μὲν ταῦτα μεταφρασόμεσθα καὶ αὖτις,



Falou, depois sentou-se. Ergueu-se, então, do posto o herói amplo-reinante, o Atreide, Agamêmnon; sombrio, a fúria escura lhe revolve a entranha, regurgitando; os olhos chispam como fogo.

Primeiro encara a Calcas e profere torvo: "Vate funesto, a mim nunca anunciaste o bem, és amigo do mal, sempre que profetizas; nunca disseste, nem cumpriste, um bom augúrio.

- E entre os Dânaos, agora, arengas, agourento:
- 110 que o Deus Flechicerteiro tanta dor lhes causa porque eu não aceitei o resgate da moça, o penhor de Criseida. Antes a quero em casa, prefiro-a junto a mim, rival de Clitemnestra, que, jovem, desposei: Criseida não lhe cede no porte ou na figura, em prendas, no talento. Mas se é melhor assim, opto por devolvê-la; quero meu povo salvo, antes que destruído. Porém um novo prêmio preparai-me, súbito; não é justo que eu só fique sem recompensa:
- 120 meu quinhão, quem não viu?, passou-se a mãos alheias."

Então lhe respondeu Aquiles, pés-velozes: "Ó glorioso Atreide, mais que todos ávido, que prêmios te hão de dar os Aqueus magnânimos? Em parte alguma sei de espólio acumulado; o saque das cidades, nós já partilhamos.

Não é justo partir de novo o repartido. Deixa-a de volta ao deus. Em troca nós, Argivos, três vezes, quatro vezes mais te pagaremos, quando caia, por Zeus, Tróia de belos muros."

- 130 Agamêmnon, o rei, contestou-lhe, dizendo: "Aquiles, mesmo bravo, símile divino, não me atraís, nem me iludes com furtivo engenho. Queres manter teu bem, e ordenas, quanto a mim, que eu, despojado, aceite devolver o meu. Caso os Aqueus um dom, magnânimos, me dêem, grato a meu coração, por igual me compenso; caso não dêem, meu prêmio eu pessoalmente o tomo: o quinhão que te coube, o de Ajax, o de Ulisses, termino por levar, deixando o dono em cólera!
- 140 Sobre isso refletamos com vagar mais tarde;





- νῦν δ' ἄγε νῆα μέλαιναν ἐρύσσομεν εἰς ἄλα διαν,  
ἔς δ' ἐρέτας ἐπιτηδές ἀγείρομεν, ἔς δ' ἑκατόμβην  
βείομεν, ἄν δ' αὐτὴν Χρυσηίδα καλλιπάρηον  
βήσομεν· εἰς δὲ τις ἀρχὸς ἀνὴρ βουληφόρος ἔστω.
- 145 ἢ Αἴας ἢ Ἴδομενεὺς ἢ δῖος Ὀδυσσεὺς  
ἢ ἐ σὺ, Πηλεΐδη, πάντων ἐκπαγλότατ' ἀνδρῶν,  
ἄφρ' ἡμῖν Ἐκάεργον ἱλάσσαι ἱερὰ βέξας. »  
Τὸν δ' ἄρ' ὑπόδρα ἰδὼν προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·  
« ὦ μοι, ἀναιδείην ἐπιειμένε, κερδαλεόφρον,
- 150 πῶς τίς τοι πρόφρων ἔπεσιν πείθηται Ἀχαιῶν  
ἢ ῥῶδν ἐλθέμεναι ἢ ἀνδράσιν Ἴφι μάχεσθαι ;  
Οὐ γὰρ ἐγὼ Τρώων ἔνεκ' ἤλυθον αἰχμητῶν  
δεῦρο μαχησόμενος, ἐπεὶ οὐ τί μοι αἰτιοὶ εἰσίν·  
οὐ γὰρ πῶ ποτ' ἐμάς βοὺς ἤλασαν οὐδὲ μὲν ἵππους,
- 155 οὐδέ ποτ' ἐν Φθίῃ ἐριβώλακι βωτιανείρῃ  
καρπὸν ἐδηλήσαντ', ἐπεὶ ἦ μάλα πολλὰ μεταξὺ  
οὔρεά τε σκίοεντα θάλασσά τε ἤχηεσσα·  
ἀλλὰ σοί, ὦ μέγ' ἀναιδές, ἄμ' ἐσπόμεθ', ἄφρα σὺ χαίρης,  
τιμὴν ἀρνύμενοι Μενελάω σοὶ τε, κυνώπα,
- 160 πρὸς Τρώων· τῶν οὐ τι μετατρέπη οὐδ' ἀλεγίζεις·  
καὶ δὴ μοι γέρας αὐτὸς ἀφαιρήσεσθαι ἀπειλεῖς,  
ᾧ ἔπι πόλλ' ἐμόγησα, δόσαν δέ μοι υἱῆς Ἀχαιῶν.  
Οὐ μὲν σοὶ ποτε ἴσον ἔχω γέρας, ὅππότε' Ἀχαιοὶ  
Τρώων ἐκπέρωσ' εὖ ναιόμενον πτολιεθρον·
- 165 ἀλλὰ τὸ μὲν πλείον πολυαῖκος πολεμοῖο  
χεῖρες ἐμαὶ διέπουσ'· ἀτὰρ ἦν ποτε δασμὸς ἴκηται,  
σοὶ τὸ γέρας πολὺ μείζον, ἐγὼ δ' ὀλίγον τε φίλον τε  
ἔρχομ' ἔχων ἐπὶ νῆας, ἐπεὶ κε κάμω πολεμίζων.  
Νῦν δ' εἶμι Φθίην δ', ἐπεὶ ἦ πολὺ φέρτερόν ἐστιν
- 170 οἴκαδ' ἴμεν σὺν νηυσὶ κορωνίσιν, οὐδέ σ' δῖο  
ἔνθαδ' ἄτιμος ἐὼν ἄφενος καὶ πλοῦτον ἀφύζειν. »  
Τὸν δ' ἠμείβετ' ἔπειτα ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων·  
« Φεῦγε μάλ', εἴ τοι θυμὸς ἐπέσσυται, οὐδέ σ' ἔγωγε  
λίτσομαι εἴνεκ' ἐμεῖο μένειν· παρ' ἐμοίγε καὶ ἄλλοι
- 175 οἳ κέ με τιμήσουσι, μάλιστα δὲ μητίετα Ζεὺς.  
Ἐχθιστος δὲ μοὶ ἔσσι διοτρεφῶν βασιλῆων·  
αἰεὶ γὰρ τοι ἔρις τε φίλη πόλεμοι τε μάχαι τε  
εἰ μάλα καρτερός ἔσσι, θεὸς που σοὶ τό γ' ἔδωκεν·  
οἴκαδ' ἴων σὺν νηυσὶ τε σῆς καὶ σοῖς ἐτάροισι
- 180 Μυρμιδόνεσσιν ἄνασσε, σέβεν δ' ἐγὼ οὐκ ἀλεγίζω,



agora ao mar salino assome a nave escura,  
repleta de remeiros; nela uma hecatombe  
se embarque, e vá Criseida, com seu belo rosto,  
a bordo, e alguém de bom conselho, um chefe de homens  
– Ajax, Idomeneu, ou o divino Ulisses,  
ou tu, Peleide, herói, temível entre todos –  
apaziguando o Arqueiro, cumpra o sacrifício."  
Olhou-o de través Aquiles, pés-velozes:

- "Investes na impostura, ó ávido de ganhos!  
150 Como pode um Aqueu percorrer teus caminhos,  
porfiado em seguir-te, combatendo homens?  
Até aqui não vim guerrear os Troianos,  
lanceiros excelentes. Não me queixo deles.  
A mim não me roubaram gado, nem cavalos,  
nem em Ftia, nutriz de heróis, solo fecundo,  
devastaram plantios. Muitos montes medeiam  
sombreados entre nós, e o mar sempre-soante.  
A ti, Grão Sem-Pudor, olho-de-cão, viemos  
seguir, satisfazer, salvar a honra em Tróia,  
160 e a Menelau. Não cuidas disso, não te ocorre.  
No entanto ameaças despojar-me do que é meu,  
prêmio de muitas lutas, dom de Aqueus, meu bem.  
Não se compara ao teu o quinhão que me cabe  
quando em Tróia saqueamos vilas bem-povoadas.  
No tumulto da luta o legado mais duro  
compete a minhas mãos; quando vem a partilha,  
teu prêmio é bem maior; o meu, de pouco preço,  
o prezo e levo às naus, cansado da batalha.  
Agora volto a Ftia. À casa, em naves curvas,  
170 mais vale retornar, que imaginar-me aqui,  
sem honra, a recolher-te espólios e tesouros."  
Agamêmnon, o rei, chefe de homens, contesta:  
"Foge, se o coração te apressa, nem eu peço  
que por mim te retenhas; outros, ao meu lado,  
me hão de honrar, Zeus prudente sobranceiro a todos.  
Dos reis que dele vêm, és quem mais eu detesto.  
Tens o prazer na discórdia, em guerras, nas contendadas.  
O valor que apregooas é favor divino.  
Regressa, pois, à casa com navios e súditos,  
180 senhor dos Mirmidões. A mim não me dá pena,

οὐδ' ὄθομαι κοτέοντος· ἀπειλήσω δὲ τοι ὄδε·  
ὥς ἔμ' ἀφαιρείται Χρυσίδα Φοῖβος Ἀπόλλων,  
τὴν μὲν ἐγὼ σὺν νηϊ τ' ἔμῃ καὶ ἔμοις ἑτάροισι  
πέμψω, ἐγὼ δὲ κ' ἄγω Βρισηίδα καλλιπάρηον  
185 αὐτὸς ἰὼν κλισίην δέ, τὸ σὺν γέρας, ὄφρ' εὐ εἰδῆς  
ὅσσον φέρτερός εἰμι σέθεν, στυγῆ δὲ καὶ ἄλλος  
ἴσον ἔμοι φάσθαι καὶ δμοιωθῆμεναι ἄντην. »  
Ἦως φάτο· Πηλείωνι δ' ἄχος γένηετ', ἐν δὲ οἱ ἦτορ  
στήθεσσι λασίοισι διάνδιχα μερμήριξεν.  
190 ἦ δ' γε φάσγανον δέξυ ἐρυσσάμενος παρά μῃροῦ  
τοὺς μὲν ἀναστήσειεν, ὃ δ' Ἀτρεΐδην ἐναρίζοι,  
ἦε χόλον παύσειεν ἐρητύσειέ τε θυμόν.  
Ἔως δ' ταῦθ' ὄρμαινε κατὰ φρένα καὶ κατὰ θυμόν,  
ἔλκετο δ' ἐκ κολεοῖο μέγα ξίφος, ἦλθε δ' Ἀθήνη  
195 οὐρανόθεν· πρὸ γάρ ἦκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη,  
ἄμφω δμῶς θυμῷ φιλέουσα τε κηδομένη τε·  
στη δ' ὄπιθεν, ξανθῆς δὲ κόμης ἔλε Πηλείωνα  
οἴφ' φαινομένη· τῶν δ' ἔλλων οἷ τις δρᾶτο·  
θάμβησεν δ' Ἀχιλεὺς, μετὰ δ' ἐτρέπετ', αὐτίκα δ' ἔγνω  
200 Παλλάδ' Ἀθηναίην· δεινὴ δὲ οἱ ὄσσε φάανθεν·  
καὶ μιν φωνήσας ἔπεα πτερόεντα προσηύδα·  
« Τίπτ' αἴτ', αἰγιόχοιο Διὸς τέκος, εἰλήλουθας;  
ἦ ἵνα ὄβριν ἴδῃ Ἀγαμέμνωνος Ἀτρεΐδαο;  
ἄλλ' ἐκ τοι ἔρέω, τὸ δὲ καὶ τελέεσθαι δίω·  
205 ἦς ὑπεροπλήσι τάχ' ἂν ποτε θυμόν ὀλέσση. »  
Τὸν δ' αὖτε προσέειπε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·  
« Ἦλθον ἐγὼ παύσουσα τὸ σὺν μένος, αἶ κε πίθηαι,  
οὐρανόθεν· πρὸ δέ μ' ἦκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη  
ἄμφω δμῶς θυμῷ φιλέουσα τε κηδομένη τε·  
210 ἄλλ' ἄγε λήγ' ἔριδος, μηδὲ ξίφος ἔλκεο χειρὶ·





# ΙΛΙΑΔΟΣ Α



desdenho teu rancor. Porém, ouve este aviso:  
Visto que me despoja Apolo de Criseida,  
eu a mando de volta em navio equipado  
por meus homens; mas vou eu mesmo à tua tenda  
buscar Briseida, belo rosto, recompensa  
que te coube; verás assim quem pode mais;  
e que outro tema ombrear-se a mim como a um igual."  
Falou. No peito hirsuto do Peleide a angústia  
assoma. O coração, partido em dois, hesita.

190 Ou arranca do flanco a espada pontiaguda  
e afastando os demais abate o Atreide no ato,  
ou reprime o furor, doma a revolta no ânimo.  
Tudo isso lhe rodava no íntimo, e entretanto  
ia sacando da bainha o gládio enorme.  
Então, do céu, Atena desce. Enviou-a Hera,  
dos braços brancos, que ama os dois, por ambos vela.  
Por trás segura-lhe os cabelos louros, só  
visível para ele; ninguém mais a vê.

Espanta-se o Peleide; gira o corpo, e logo  
200 dá com Palas Atena: olhos terríveis brilham!  
Dirigindo-se à deusa diz palavras rápidas:  
"Filha de Zeus tonante, portador do escudo,  
por que vens? Assistir à audácia de Agamêmnon?  
Pois declaro o que penso e hei de ver cumprido:  
seu belicoso orgulho vai causar-lhe a morte."  
Brilho de olhos azuis, responde a deusa Atena:  
"Descendo do alto céu, para acalmar-te a ira  
(se acaso me obedeces), vim a mando de Hera,  
deusa dos braços brancos, que por ambos vela.

210 Vamos, pára essa briga! Deixa em paz a espada!





ἀλλ' ἦτοι ἔπεισιν μὲν ὀνειδίσουν ὡς ἔσεται περ·  
ὦδε γὰρ ἐξερῶ, τὸ δὲ καὶ τετελεσμένον ἔσται·  
καὶ ποτέ τοι τρὶς τόσσα παρέσσεται ἀγλαὰ δῶρα  
ὑβριος εἵνεκα τῆσδε· σὺ δ' Ἴσχεο, πείθεο δ' ἡμῖν. »

Τὴν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·  
216 « Χρὴ μὲν σφωίτερόν γε, θεά, ἔπος εἰρύσσασθαι  
καὶ μάλα περ θυμῷ κεχολωμένον· ὧς γὰρ ἄμεινον·  
ὧς κε θεοῖς ἐπιπείθεται, μάλα τ' ἔκλυον αὐτοῦ. »

Ἦ καὶ ἐπὶ ἀργυρῆ κώπῃ σκέθε χεῖρα βαρείαν,  
220 ἄψ δ' ἐς κουλεὸν ὤσε μέγα ξίφος, οὐδ' ἀπίθησε  
μύθῳ Ἀθηναίης· ἢ δ' Οὐλυμπιον δὲ βεβήκει  
δώματ' ἐς αἰγιόχοιο Διὸς μετὰ δαίμονας ἄλλους.

Πηλείδης δ' ἑξαυτίς ἀταρτηροῖς ἐπέεσσιν  
Ἀτρεΐδην προσέειπε, καὶ οὔ πω λήγε χόλοιο·  
225 « Οἴνοβαρές, κυνὸς δμματ' ἔχων, κραδίην δ' ἐλάφιοιο,  
οὔτε ποτ' ἐς πόλεμον ἄμα λαῶ θωρηχθῆναι  
οὔτε λοχὸν δ' ἵεναι σὺν ἀριστήεσσιν Ἀχαιῶν  
τέτληκας θυμῷ· τὸ δὲ τοι κῆρ εἶδεται εἶναι·  
ἢ πολὺ λωῖὸν ἔστι κατὰ στρατὸν εὐρὺν Ἀχαιῶν  
230 ὄωρ' ἀποαιρεῖσθαι ὧς τις σέθεν ἀντίον εἴπη·  
δημοβόρος βασιλεύς, ἐπεὶ οὔτιδανοῖσιν ἀνάσσεις·  
ἢ γὰρ ἄν, Ἀτρεΐδη, νῦν ὕστατα λωθήσαιο.

ΙΛΙΑΔΟΣ Α



Insulta-o com palavras, sim, o quanto queiras.  
Agora vou dizer-te o que se cumprirá:  
um dia hão de pagar-te o triplo em dons esplêndidos  
como preço da afronta. Acalma-te e obedece."  
Recomeça a falar Aquiles, pés-velozes:  
"Deusa, em respeito às duas, tenho de ceder,  
ainda que raive o coração. Melhor assim.  
Os deuses dão escuta a quem se curva aos deuses."

- 220 Disse e deixou pesar no punho prateado  
a mão, embainhando o gládio enorme. Atena,  
vendo-se obedecida, retornou ao céu,  
ao Olimpo de Zeus, porta-escudo, entre os deuses.  
E o filho de Peleu, de novo, fala negra,  
turvo ainda de cólera, interpela o Atreide:  
"Olho de cão e coração de cervol Bronco  
de vinho! Nunca ousaste, armado, com teu povo,  
enfrentar um combate, nem seguiste os bravos  
na luta de emboscadas. Tens pavor à morte.  
Mais fácil é no vasto campo dos Aqueus  
230 esbulhar do seu bem a quem te contradiz.  
Devora-Povo! Rei dos Dânaos? Rei de nada.  
Senão seria este o teu último ultraje.